

O segundo ato, que ao bom observador poderá parecer de uma clareza solar, encontra-se no poema *As Cismas do Destino*.

Fetos magros, ainda na placenta,  
Estendiam-se as mãos rudimentares!

.....

Ah! Com certeza, Deus me castigava!  
Por tôda parte, como um réu confesso,  
Havia um juiz que lia o meu processo  
E uma fôrça especial que me esperava!

É bem possível que eu um dia cegue.  
No ardor desta letal tórrida zona,  
A côr de sangue é a côr que me impressiona  
E a que mais neste mundo me persegue!

Essa obsessão cromática me abate.  
Não sei por que me vêm sempre à lembrança  
O estômago esfaqueado de uma criança  
E um pedaço de víscera escarlate.

Quisera qualquer coisa provisória  
Que a minha cerebral caverna entrasse,  
E até ao fim cortasse e recortasse  
A faculdade aziaga da memória.

No mesmo poema percebe-se a mágoa que não consegue abafar contra os que, ativa ou passivamente, concorreram para a destruição do seu sonho de amor.

Todos os personagens da tragédia,  
Cansados de viver na paz de Buda,  
Pareciam pedir com a bôca muda  
A ganglionária célula intermédia.

Essa célula intermédia não era outra senão o fruto do seu infeliz amor. Todos os membros de sua família se mostram submissos a Sinhá-Mocinha, que delira em manias de grandeza e prepotência. Cresce ao poeta a revolta do espírito, porque a seu favor ninguém se manifesta capaz de tomar uma atitude.